

## SÍNDROME DE BURNOUT EM DOCENTES

Thaís Santos Bezerra Pinto

Estudante do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família/UERN taty23pinto@hotmail.com

### RESUMO

A Síndrome de *Burnout* tem sido considerada um problema social de grande relevância, pois encontra-se vinculada a grandes custos organizacionais, devido a rotatividade de funcionários, problemas de produtividade e de qualidade. Atinge as pessoas competitivas, impacientes, com excessiva necessidade de controle e com dificuldade de tolerar frustrações. Os sintomas envolvem, além de problemas emocionais, alterações físicas e problemas de saúde, como fadiga constante e progressiva, que se caracteriza pela sensação de falta de energia e vazio interno. O professor assume muitas funções, aparte de seu interesse e muitas vezes de sua carga horária, sendo um profissional candidato ao esgotamento mental. Na realidade dos docentes, pode-se observar a correria do dia-a-dia; as alterações de humor que ocorrem nas relações professor-aluno; a sobrecarga de tarefas, que precisa desdobrar-se em leituras para preparação de aulas e correção de trabalhos. O presente trabalho propôs, através de uma Revisão de Literatura, realizar uma análise sobre a Síndrome de *Burnout* em docentes, apresentando características, sintomas, consequências, prevenção e tratamento. Diante da literatura consultada, pode-se concluir que: os professores constituem uma classe propensa a desenvolver a Síndrome de *Burnout*; o ambiente de trabalho em que há equilíbrio entre os níveis de esforço e recompensa sugere que haverá menos distúrbios da Síndrome de *Burnout*; docentes que atuam no ensino superior, embora, tenham uma sobrecarga com atividades de pesquisa e extensão, são recompensados pela posição social (status) e valorização profissional; adotar mecanismos coletivos e ter resiliência contribuem para o enfrentamento de dificuldades e obstáculos que se instalam nos diferentes grupos sociais do ambiente escolar ou acadêmico.

**DESCRITORES:** Esgotamento Profissional; Estresse Psicológico; Docentes; Saúde do Trabalhador; Saúde Pública.

### INTRODUÇÃO

Novos cenários têm sido definidos, em um mundo globalizado com o capitalismo mundial integrado, novas tecnologias, aceleração de produção, trabalho e trabalhadores flexíveis e polivalentes, acompanhados de trabalhadores precarizados

e excluídos das inovações (GOMES; BRITO, 2014). O estresse, no mundo moderno, está presente, tanto na vida das pessoas como no trabalho. Caso o estresse seja crônico e associado ao trabalho, é denominado Síndrome de *Burnout*.

A síndrome ocorre quando o indivíduo não possui mais recursos para enfrentar as situações e conflitos laborais (TRINDADE et al., 2010).

Quando o ambiente de trabalho favorece o aparecimento de *Burnout*, observa-se maior rotatividade de funcionários dentro das empresas, absenteísmo, queda de qualidade e produtividade, incremento de licenças por problemas de saúde, baixa moral dos trabalhadores, o “desligamento psicológico”, entre outras incidências (GARCIA; BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

A definição mais aceita sobre a Síndrome de *Burnout* fundamenta-se na perspectiva social-psicológica, que considera a síndrome como uma reação à tensão emocional crônica causada por se lidar excessivamente com pessoas (CARLOTTO; CÂMARA, 2004).

Os profissionais mais suscetíveis a esta síndrome são os que desenvolvem suas atividades na área assistencial, ou seja, que trabalham no contato direto com pessoas em prestação de serviço, como professores, médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, policiais, bombeiros (VOLPATO et al., 2002).

Na realidade dos docentes, pode-se observar a correria do dia-a-dia; as alterações de humor que ocorrem nas relações professor-

aluno; a sobrecarga de tarefas, que precisa desdobrar-se em leituras para preparação de aulas e correção de trabalhos (GARCIA; BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

A Síndrome de Burnout apresenta-se, hoje, como um dos grandes problemas psicossociais, que estão a afetar profissionais de diversas áreas, sendo considerada uma questão de saúde pública. Esta realidade tem gerado grande interesse e preocupação não só da comunidade científica internacional, mas também de entidades governamentais, empresariais, educacionais e sindicais no Brasil, devido à severidade das consequências individuais tendo em vista suas implicações para a saúde física e mental do trabalhador, com evidente comprometimento de sua qualidade de vida no trabalho, quanto organizacionais, especialmente como fator de interferência nas relações interpessoais do professor e em suas atividades laborais (FERENHOF; FERENHOF, 2002; SOUSA, MENDONÇA, 2009; BATISTA et al., 2010).

Partindo desse contexto, torna-se oportuno e importante pesquisar sobre essa temática, objetivando-se a prevenção desta síndrome e a procura por tratamento por parte dos profissionais docentes que sofrem da mesma.

O presente trabalho propõe, através de uma Revisão de Literatura, realizar um estudo

sobre a Síndrome de *Burnout* em professores, apresentando características, sintomas, consequências, prevenção e tratamento.

## METODOLOGIA

O presente estudo é uma Revisão de Literatura, onde foi feita uma busca constituída de artigos científicos, capítulos de livros, livros, portarias, manuais e teses disponíveis.

A busca eletrônica foi realizada em portais de pesquisas, bibliotecas virtuais, sites de buscas, revistas eletrônicas e base de dados, Bireme e Pubmed. A pesquisa abrangeu publicações nacionais e internacionais publicadas no período de 1999 a 2014.

Após o levantamento bibliográfico, os critérios de inclusão abrangeram a análise dos trabalhos e a classificação dos mesmos por temas abordados em quatro categorias: definição Síndrome de *Burnout*; causas, sintomas e profissionais envolvidos; trabalho docente e abordagens preventivas e tratamento.

Foram utilizados os seguintes descritores: Esgotamento Profissional; Estresse Psicológico; Docentes; Saúde do Trabalhador; Saúde Pública.

Para a construção deste estudo foram feitos dois questionamentos: “Quais as causas, sintomas e consequências do esgotamento profissional diretamente envolvidas no ambiente e estilo de trabalho do docente?” e “Como adotar medidas preventivas e abordagens terapêuticas a fim de tornar a atividade escolar e acadêmica saudáveis biopsicosocialmente?”

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### O *BURNOUT*

O *Burnout* é um termo inglês que designa algo que parou de funcionar por esgotamento de energia (VOLPATO et al., 2002). Metaforicamente, é aquilo, ou aquele que chegou ao seu limite, com grande prejuízo em seu desempenho físico ou mental (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007).

Não existe uma definição única para *Burnout*, contudo, os autores concordam tratar-se de uma síndrome, ou seja, de um conjunto de respostas a situações de estresse laboral de reação à tensão emocional crônica quando o indivíduo interage ou lida reiteradamente com outras pessoas. Distingue-se do estresse por envolver atitudes e condutas negativas com relação às pessoas usuárias dos serviços, aos clientes, à

organização e ao próprio trabalho. O conceito de estresse envolve apenas esgotamento pessoal com interferência na vida do indivíduo e não afeta necessariamente a relação desse com seu trabalho, com seus clientes etc. (COSTA, 2003).

O Ministério da Saúde brasileiro reconhece a Síndrome de *Burnout* ou Síndrome do Esgotamento Profissional como um tipo de resposta prolongada a estressores emocionais e interpessoais crônicos no trabalho, que afeta principalmente profissionais da área de serviços ou cuidadores, quando em contato direto com os usuários, como os trabalhadores da educação, da saúde, policiais, assistentes sociais, agentes penitenciários, entre outros (BRASIL, 2014; MAZON; CARLOTTO; CÂMARA, 2008).

O *Burnout* é constituído de três dimensões: Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Profissional.

A Exaustão Emocional caracteriza-se pela falta de energia e sentimento de esgotamento de recursos com relação ao trabalho, tendo como maior causa o conflito pessoal nas relações e a sobrecarga. A Despersonalização se apresenta como um estado psíquico no qual prevalece a dissimulação afetiva, o distanciamento e uma forma de tratamento impessoal com a

clientela, podendo apresentar sintomas como descomprometimento com os resultados, conduta voltada a si mesmo, alienação, ansiedade, irritabilidade e desmotivação. A Baixa Realização Profissional é caracterizada pela tendência de trabalhador a se auto-avaliar de forma negativa (MASLASCH; SCHAUFELI; LEITER, 2001).

A exaustão, seja física, emocional ou mental, custa caro, tanto para o indivíduo que contribui com seu desgaste pessoal, como para a instituição que sofre com a perda da qualidade, produtividade e, conseqüentemente, com a redução de seus recursos financeiros (VOLPATO et al., 2002).

É possível somarem-se sentimentos de frustração e tensão, pois os trabalhadores podem perceber que já não tem condições de despendar mais energia para o atendimento de seu cliente ou demais pessoas. As pessoas se sentem infelizes consigo mesmas e insatisfeitas com seu desenvolvimento profissional. Também experimentam um declínio do sentimento de competência e êxito, bem como de sua capacidade de interagir com os outros (CARLOTO; CÂMARA, 2004).

#### AGENTES ETIOLÓGICOS DO *BURNOUT*

Os principais antecedentes dessa dimensão são a sobrecarga de trabalho e o conflito intrapessoal (SOUSA; MENDONÇA, 2009). No entanto, pode não estar associada a qualquer realidade da sociedade, cultura ou país (FERENHOF; FERENHOF, 2002).

As pessoas competitivas, impacientes, com excessiva necessidade de controle e com dificuldade de tolerar frustrações são candidatas a adquirirem a Síndrome de *Burnout*. Os portadores atribuem as suas possibilidades aos acontecimentos externos, assim como as pessoas com auto-estima, autoconfiança e auto-eficácia baixas e perfeccionistas (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

## SINTOMAS

O *Burnout* acarreta (Tabela 1), além de problemas emocionais, alterações físicas e problemas de saúde, como fadiga constante e progressiva, que se caracteriza pela sensação de falta de energia, vazio interno (TRINDADE et al., 2010).

Entre os problemas psíquicos estão os sentimentos de solidão, impaciência, impotência, astenia, desânimo, mal-estar permanente, depressão e desconfiança (TRINDADE et al., 2010)

O quadro evolutivo manifesta-se primeiramente em nível individual – sintomas físicos, como dores na coluna, costas e pescoço e desmotivação para o trabalho – esta fase seria semelhante ao estresse. Após, as alterações manifestam-se e atingem o ambiente de trabalho, alterando suas relações com os colegas, com os clientes e prejudicando a organização. Por fim, manifestam-se as doenças psicossomáticas: uso de medicamentos, alcoolismo, drogadição, câncer, acidentes vasculares, depressão e ideias de suicídio (BALLONE, 2013).

TABELA 1 - Sintomas mais frequentes Associados ao *Burnout*

| SINTOMAS        | CARACTERÍSTICAS  |
|-----------------|--|
| Psicossomáticos | Enxaquecas, dores de cabeça, insônia, gastrites e úlceras, diarreias, crises de asma, palpitações, hipertensão, maior frequência de infecções, dores musculares e/ou cervicais; alergias, suspensão do ciclo menstrual nas mulheres; |
| Comportamentais | Absenteísmo,   |

|              |   |
|--------------|---|
| mentais      | isolamento, violência, drogadição, incapacidade de relaxar, mudanças bruscas de humor, comportamento de risco;  |
| s Emocionais | Impaciência, distanciamento afetivo, sentimento de solidão, sentimento de alienação, irritabilidade, ansiedade, dificuldade de concentração, sentimento de impotência; desejo de abandonar o emprego, decréscimo do rendimento de trabalho, baixa auto-estima, dúvidas de sua própria capacidade e sentimento de onipotência; |
| Defensivos   | Negação das emoções, ironia, atenção seletiva, hostilidade, apatia e desconfiança.  |

Fonte: BENEVIDES-PEREIRA (2001).

Foi associado também a transtornos ansiosos, episódios dissociativos, ansiedade,

depressão, pensamentos intrusivos, paranoia, hipervigilância e relações pessoais interrompidas, além da ideação suicida e tentativa de suicídio e abuso e dependência ao álcool e outras substâncias ilícitas (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007).

### CONSEQUÊNCIAS DO *BURNOUT*

Os efeitos do *Burnout* podem prejudicar o profissional em três níveis: individual (físico, mental, profissional e social), profissional (atendimento negligente e lento ao cliente, contato impessoal com colegas de trabalho e/ou pacientes/clientes) e organizacional (conflito com os membros da equipe, rotatividade, absenteísmo, diminuição da qualidade dos serviços) (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007).

O trabalhador esgotado volta-se para si, para buscar seus próprios recursos, em que a fuga é uma estratégia para tentar conviver com a situação; entretanto, esta o leva ao sofrimento e à frustração no trabalho (TRINDADE et al., 2010). Essa dificuldade gera a tendência de uma “evolução negativa” no trabalho, afetando a habilidade profissional e a disposição laboral. Além disso, o contato e o relacionamento com as pessoas usuárias do trabalho ficam prejudicados – corpo discente e docente, pessoal técnico administrativo,

enfim, a organização como um todo (FERENHOF, FERENHOF, 2002).

## BURNOUT E O TRABALHO DOCENTE

A organização social do trabalho do professor separa a concepção e o planejamento da tarefa, da sua execução. Sua atividade é fragmentada, sem o controle sobre o conteúdo e a forma de transmitir seu conhecimento. Estas questões têm sido determinadas, na nova organização de trabalho, por técnicos especialistas de nível hierarquicamente superior (CARLOTTO, 2003).

Embora o estresse e o *Burnout* no ensino certamente ocorram há muito tempo entre os professores, tem sido considerado como problema sério mais explícito nos últimos anos (BATISTA et al., 2010). Sob a ótica do reconhecimento social desta profissão, identificou-se que já houve um tempo em que se considerava a profissão docente um sacerdócio, uma vocação de abnegação e de dedicação quase heroica (CARLOTTO, 2003).

O professor assume muitas funções, aparte de seu interesse e muitas vezes de sua carga horária. Além das classes, faz trabalhos administrativos, planeja, recicla-se, investiga,

orienta alunos e atende as visitas de pais. Também deve organizar atividades extra-escolares, participar de reuniões de coordenação, seminários, conselhos de classe, efetuar processos de recuperação, preenchimento de relatórios bimestrais e individuais relativos às dificuldades de aprendizagem de alunos e, muitas vezes, cuidar do patrimônio, material, recreios e locais de refeições. Esta intensificação do fazer docente lhe ocasiona conflitos, pois ao ter que arcar com essa sobrecarga, vê reduzido seu tempo disponível para estudos individuais ou em grupo, participação de cursos ou outros recursos que possam contribuir para a sua qualificação e favorecer seu desenvolvimento e sua realização profissional (NACARATO; VARANI; CARVALHO, 2000).

Problemas em salas de aula, como desmotivação dos alunos, comportamento indisciplinado, falta de ascensão na carreira profissional, baixos salários, más condições de trabalho, turmas excessivamente grandes, pressões de tempo e prazos, baixo reconhecimento e prestígio social da profissão, conflitos entre colegas e rápidas mudanças nas exigências de adaptação dos currículos. Tais problemas não são desconhecidos, manifestações grevistas frequentes, além de a própria mídia, constantemente informa e alertam sobre esta

realidade, no entanto, pouco se tem feito a no sentido de mudá-la (GARCIA; BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

No caso dos professores universitários, somam-se a estas, outras atividades como a participação em comissões, a pressão institucional por publicação e pesquisa, de rendimento e melhoria na formação do aluno, a aprendizagem de novos recursos tecnológicos; a submissão às normas e regras técnicas da própria instituição de ensino e as governamentais (CNPq, MEC), para enumerar apenas algumas das mais evidentes. Tais atividades levam a uma rotina exaustiva, que deve ser administrada e incorporada às demais dimensões e papéis assumidos pelos professores no âmbito de sua vida privada, o que nem sempre se dá e os predispõe ao *Burnout* (GARCIA; BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

No entanto, a variável de maior poder explicativo para a dimensão de Exaustão Emocional foi a satisfação com o pagamento. Na medida em que aumenta sua satisfação, diminui seu sentimento de desgaste. O professor universitário, segundo comparado com os docentes de escolas possui uma representação social de maior *status*, é um profissional que tem maiores vantagens como melhores salários e condições de trabalho. Entretanto, foi atribuído o desenvolvimento de pesquisas e a publicação científica como

fatores geradores de *Burnout* em professores universitários, além do reconhecimento acadêmico que buscam (CARLOTO; CÂMARA, 2007).

## ABORDAGENS PREVENTIVAS E TRATAMENTO

Muitas são as possibilidades de intervenção preventivas ou de reabilitação do *Burnout* no contexto educacional, algumas direcionadas ao professor, outras à equipe diretiva e pedagógica e, ainda, outras à comunidade (CARLOTTO, 2003).

A prevenção e a erradicação do *Burnout* em professores não são uma tarefa solitária desses, mas devem contemplar ações conjuntas entre professores, alunos, instituições de ensino e sociedade. Sugerem-se atividades que estabeleçam um contexto mais favorável ao exercício da profissão docente através de programas voltados às equipes diretivas e pedagógicas das escolas, a fim de que possam propiciar um espaço institucional de discussão e reflexão entre equipes e professores. Também, atividades direcionadas aos docentes, alertando-os sobre os possíveis fatores de estresse relacionados ao trabalho e a possibilidade de desenvolvimento desse tipo de estresse ocupacional de caráter crônico (*Burnout*) (CARLOTTO; PALAZZO, 2006).



Torna-se importante chamar a atenção para a necessidade de mudança do estilo de atuação, tradicionalmente baseado em um modelo prescritivo e normativo, para uma atuação fundamentada no modelo relacional, potencializando e valorizando as características específicas de cada profissional e possibilitando sua atuação de forma autônoma e criativa frente às diversas situações encontradas no contexto de trabalho. O papel do professor, neste contexto, é o de dinamizar um ensino personalizado orientado para o desenvolvimento integral dos alunos (CARLOTTO, 2003).

Nas ações direcionadas ao professor, é importante trabalharmos no sentido de alertá-lo, através de palestras, sobre os possíveis fatores de estresse relacionados ao trabalho e a possibilidade de desenvolvimento deste tipo de estresse ocupacional de caráter crônico, tendo em vista que o mesmo só é percebido como transtorno em sua fase final, quando sintomas psicossomáticos já se encontram consolidados. Também pode-se instrumentalizar o corpo docente para a qualificação das relações interpessoais, tendo em vista que esta não é temática exaustivamente desenvolvida na formação deste profissional (CARLOTTO, 2003).

Soluções para o trabalhador evitar o risco de ocorrência do *Burnout* seriam:

estabelecer alguns objetivos realistas a curto e longo prazo; se estiver negligenciando a saúde, é necessário mudar os hábitos alimentares e exercitar-se mais; reservar algum tempo em cada dia para exercício de relaxamento e saber esperar pelos acontecimentos; rever as amizades com as pessoas; falar com elas a respeito de seus sentimentos. Não deixar acumular frustrações, raivas, aprender a dizer não, quando é solicitado a fazer mais do que é possível; aprender a delegar responsabilidades para outro e não pensar que é indispensável; encontrar o senso de humor que foi perdido. Aprender a rir de si mesmo e da situação; mais que tudo, estar em contato consigo mesmo, com seus valores e com o que deseja da vida. Aprender a reconhecer quando estiver dirigindo-se a si próprio duramente e quando estiver esgotando os recursos anteriores (INOCENTE, 2005).

Trabalhadores não esgotados revelam utilizar mecanismos coletivos para o enfrentamento dos problemas, ao contrário dos trabalhadores esgotados (TRINDADE et al., 2010). Atribui-se também a resiliência como uma característica dos profissionais para enfrentarem as dificuldades e obstáculos que se instalam nos diferentes grupos sociais do micro-ambiente escolar (FERENHOF; FERENHOF, 2002).

Porém, o pouco conhecimento dos profissionais da saúde diretamente envolvidos com a temática, medicina e psicologia, dificulta seu diagnóstico e possibilidade de intervenção em nível local e global. Somente o avanço da ciência nesse campo que envolve mais que a manifestação de uma doença ocupacional, refletindo-se em um contexto mais amplo, de relações de trabalho, saúde e produção, pode conferir a credibilidade para que se possa, em um futuro próximo, influir sobre as políticas públicas de trabalho no plano nacional (CARLOTTO; CÂMARA, 2008).

Portanto, é imperioso que atitudes sejam tomadas, tanto pelo professor, quanto pelo sistema social e governamental para que os professores não sejam tão maltratados e desrespeitados no exercício de sua função, incentivando um trabalho preventivo no sentido de a população venha a ser adequadamente instruída, educada e sabedora de seus direitos e deveres, para que cidadãos sejam formados e novos profissionais entrem no mercado de trabalho (GARCIA; BENEVIDES-PEREIRA, 2003).

## CONCLUSÃO

Diante da literatura consultada, pode-se concluir que:

- Os professores constituem uma classe propensa a desenvolver a Síndrome de *Burnout*;
- O ambiente de trabalho em que há equilíbrio entre os níveis de esforço e recompensa sugere que haverá menos distúrbios da Síndrome de *Burnout*;
- Docentes que atuam no ensino superior, embora, tenham uma sobrecarga com atividades de pesquisa e extensão, são recompensados pela posição social (status) e valorização profissional;
- Adotar mecanismos coletivos e ter resiliência contribuem para o enfrentamento de dificuldades e obstáculos que se instalam nos diferentes grupos sociais do ambiente escolar ou acadêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLONE, G. J. Curso sobre estresse – PsiquWeb Psiquiatria Geral, 1999. Disponível em:  
<<http://www.psiqweb.med.br/cursos/stress3.html>> . 2013).
- BATISTA, J.B.V.; CARLOTTO, M. S.; COUTINHO, A. S.; AUGUSTO, L. G. S. Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. 13 (3). P. 502-512, 2010.
- BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. **A saúde mental de profissionais de saúde mental: uma investigação da personalidade de psicólogos**. Maringá, Eduem, 2001.
- BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Burnout: O processo de adoecer pelo trabalho. In A. M. T. Benevides-Pereira (Org.) **Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp.21-92. 2002.
- BRASIL, M. S. Portaria 1339/GM, 18/11/1999. Lista de doenças relacionadas ao trabalho Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2000, que institui a Lista de Doenças relacionadas ao Trabalho, a ser adotada como referência dos agravos originados no processo de trabalho no Sistema Único de Saúde, para uso clínico e epidemiológico. Disponível em:  
<[http://www.cerest.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/sesap\\_cerest/legislacao/gerados/portaria%20federal%201.339.pdf](http://www.cerest.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/sesap_cerest/legislacao/gerados/portaria%20federal%201.339.pdf)>. Acesso: 06 fevereiro. 2014.
- CARLOTTO, M. S. Burnout e o trabalho docente: Considerações sobre a Intervenção. **Revista Eletrônica InterAção Psy**. Ano 1, n. 1, p. 12-18, Ago 2003.
- CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S.G. Análise fatorial do Maslach Burnout Inventory (MBI) em uma amostra de professores de Instituições particulares. Maringá: **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 3, p. 499-505, set./dez. 2004.
- CARLOTTO, M. S.; PALAZZO, L. S. **Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores**. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública. 22 (5), maio, p. 1017-1026, 2006.
- CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S.G. Preditores da Síndrome de Burnout em professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 1, número 1, p. 101-110, Janeiro/Junho 2007.
- COSTA, A. E. B. – Auto-Eficácia e Burnout. **Revista Eletrônica InterAção Psy** – Ano 1, nº 1- Ago 2003.
- FERENHOF, I. A.; FERENHOF, E.A. Burnout em Professores. São Paulo: **Eccos- Revista Científica** – Avaliação e Mudanças – Centro Universitário nove de julho, v. 4, n.1, p. 131/151. 2002.
- GARCIA, L. P.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Investigando o Burnout em Professores Universitários. **Revista Eletrônica InterAção Psy**, ano 1, n. 1, p. 76-89, Ago 2003.
- GOMES, L.; BRITO, J. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 6 (1) (on line). Disponível em:  
<<http://www.revistapsi.uerj.br/v6n/artigos/PDF/v6nIa05.pdf>>. Acesso: 30 janeiro. 2014.

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

[www.conbracis.com.br](http://www.conbracis.com.br)

INOCENTE, N. J. **Síndrome de Burnout em professores universitários do Vale do Paraíba (SP)**. Tese de Doutorado: Campinas, Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MAZON, V.; CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. **Síndrome de Burnout e estratégias de enfrentamento em professores**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 60, n.1, 2008.

NACARATO, A. M. ; VARANI, A.; CARVALHO, V. O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível... abrindo cortinas. In: Geraldi, C. M. G.; Fiorentina, D.; Pereira, E. M. de A. (orgs.). **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado de Letras. 2000.

SOUSA, I. F.; MENDONÇA, H. *Burnout em Professores Universitários: Impacto de Percepções de Justiça e Comprometimento Afetivo*. Brasília:

**Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 25, n. 4, outubro, p. 499-508, 2009.

TRINDADE, L. L.; LAUTERT, L.; BECK, C. L. C.; AMESTOY, S. C.; PIRES, D. E. P. Estresse e síndrome de burnout entre trabalhadores da equipe de Saúde da Família. **Acta Paul Enferm**, 23 (5), p. 684 -689, 2010.

TRIGO, T. R.; TENG, C. T.; HALLAK, J. E. C. Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. USP, São Paulo: **Revista Psiquiatria Clínica**, 34 (5); 223-233, 2007.

VOLPATO, D. C.; GOMES, F. B.; SILVA, S. G. M.; JUSTO, T.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Burnout: O desgaste dos Professores de Maringá. **Revista Eletrônica InterAção Psy**. Ano 1, nº 1, p. 90-101, Ago 2002.